

# ESCUITA POÉTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: TERRITÓRIOS SONOROS EM CONVERSAÇÃO

POETICAL LISTENING IN BASIC EDUCATION:  
SOUND TERRITORIES IN CONVERSATION

## **Sandra Regina Simonis Richter**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).  
Professora do Departamento de Ciências, Humanidades e Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (Santa Cruz do Sul/Brasil).  
E-mail: srichter@unisc.br

## **Dulcimarta Lemos Lino**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).  
Professora de Educação Musical na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).  
E-mail: dulcimarta.lino@ufrgs.br

## **Bianca de Oliveira Cardoso**

Mestra em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Santa Cruz do Sul/Brasil).  
Supervisora Escolar na EMEI Dr. Carlos de Souza Moraes (São Leopoldo/Brasil).  
E-mail: bianca.oliveiracardoso@gmail.com

Recebido em: 14 de abril de 2023

Aprovado em: 14 de junho de 2023

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 20 | n. 2 | p. 178-197 | jul./dez. 2023

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.3451>

## RESUMO

O ensaio aproxima música, filosofia e pedagogia em tempos de pandemia para afirmar a escuta poética como potência de produção de sentidos a partir do encontro dos grupos de pesquisa Escuta Poética e Estudos Poéticos: Educação e Linguagem com a música brasileira e a Educação Básica. Os encontros virtuais foram tecidos pela conversação como experiência de pensamento que emergiu no percurso metodológico da escuta poética entre acadêmicos, docentes e pesquisadores na sala virtual. O distanciamento pandêmico permitiu a aproximação e o fortalecimento dos tempos de estudo dos grupos, marcados pela composição de narrativas produzidas lúdica e em ressonância com o imaginário indígena-luso-africano na escola pública. Nesse processo de entrecruzamento de percepções e sensibilidades, distintos territórios e linguagens emergem com força vital ao favorecerem possibilidades de ressoar a vida em tempos de desencanto. Um tempo de convite à escuta como abertura à singularidade plural de compor poéticas como música em performance: Rasante e Pandemia bate à porta.

**Palavras-chave:** Música na Educação Básica. Escuta poética. Música brasileira. Escola pública.

## ABSTRACT

The essay brings together music, philosophy and pedagogy in times of a pandemic to affirm poetic listening as a power for the production of meanings based on the meeting of the research groups Escuta Poética and Estudos Poéticos: Educação e Linguagem with Brazilian music and Basic Education. The virtual encounters were woven by conversation as a thought experience that emerged in the methodological path of poetic listening between academics, teachers and researchers in the virtual room. The pandemic distance allowed for the approximation and strengthening of the groups study times, marked by the composition of narratives produced playfully in resonance with the indigenous-luso-african imaginary in public school. In this intertwining process of perceptions and sensibilities, different territories and languages emerge with vital force by favoring possibilities of resounding life in times of disenchantment. A time of invitation to listen as an opening to the plural singularity of composing poetics as music in performance: Rasante and Pandemia knocks on the door.

**Keywords:** Music in Basic Education. Poetic Listening. Brazilian Music. Public School.

## INTRODUÇÃO

Se o mundo ficar pesado  
 Eu vou pedir emprestado  
     A palavra poesia  
 Se o mundo emburrecer  
 Eu vou rezar pra chover  
     Palavra sabedoria  
 Se o mundo andar pra trás  
 Vou escrever num cartaz  
     A palavra rebeldia  
 Se a gente desanimar  
 Eu vou colher no pomar  
     A palavra teimosia  
 Se acontecer afinal  
 De entrar em nosso quintal  
     A palavra tirania  
 Pegue o tambor e o ganzá  
 Vamos pra rua gritar  
     A palavra utopia<sup>1</sup>

Samba da Utopia. Jonathan Silva.

E quando as palavras nos faltam? Há o silêncio *grávido de sons* (CAGE, 1985) e a escuta pelo *som do sentido* (NANCY, 2007; 2013). Se o período pandêmico trouxe aos grupos de pesquisa Escuta Poética (FACED/UFRGS) e Estudos Poéticos: Educação e Linguagem (PPGEdu/UNISC) um deslocamento pela exigência da pausa nos estudos coletivos presenciais, também possibilitou outras formas de manter a continuidade dos encontros de pesquisa. Na impossibilidade do corpo em presença, na estesia da escuta, foi necessário "*infanciar*" (KOHAN; FERNANDES, 2020, p.8) as palavras e habitar a linguagem com novos começos, explorar e experimentar outros modos de ser e estar no mundo em coexistência virtual. Juntos, acadêmicos, docentes e pesquisadores se entregaram a outro modo de estar, pensar e estudar como "exercício do verbo *infanciar*, que indica devires e intensidades" (KOHAN; FERNANDES, 2020, p. 8), na experiência de iniciar e expandir modos de escuta atenta aos possíveis no pensamento educacional. Outros modos, a nós impostos como prioridade, os quais promoveram outras escutas de nós e da música brasileira na escola pública.

<sup>1</sup> Disponível em <https://youtu.be/KDXX7m3iBzc> Acesso em 20 de novembro de 2021.

O momento pandêmico exigiu a rápida apropriação dos recursos tecnológicos para, virtualmente, vivenciar a manutenção dos laços afetivos com a escola de Educação Básica e o exercício de nossas pesquisas em torno das interações lúdicas na docência com crianças, desde o encontro com a música brasileira na escola. A apropriação foi possível somente com o uso da palavra *território*, se referindo aos nossos estudos, nossas casas e aos nossos habitares educativos. A força das palavras que dizem *território* ultrapassa e dilata fronteiras ao serem enunciadas com a força vital de um povo, tal qual nos ensinam as distintas expressões culturais matizadas na música brasileira. Uma força que diz respeito à permeabilidade da vida, a esse território *com-posto* pela alteridade dos lugares que habitamos, das vidas que neles são vividas e pela escuta das tradições. Implica a escuta das vozes que ressoam na *singularidade plural* da produção poética como eclosão de sentidos sensíveis e sentidos sensatos que efetuam e marcam um território. Porém, cada vez com maior intensidade, deixamos de escutar as diferentes vozes e a diversidade dos silêncios.

Nessa condição de inquietude educacional pela escuta de nós e dos outros, como gesto de *escutar* a escuta, organizamos momentos de exercícios preparatórios ao III Seminário Estudos Poéticos<sup>3</sup> pela plataforma virtual. A intenção foi favorecer encontros entre acadêmicos, docentes e pesquisadores, partilhar e engendrar presença no coletivo desde a produção poética de ordenação de sentidos sonoros, provocados pela escuta como ressonância, ou seja, enquanto o som do "sentido" (NANCY, 2013, p. 163).

Diante desse desafio, propomos neste ensaio revisitar a experiência virtual vivida pelos dois grupos de pesquisa no contexto pandêmico para refletir o encontro entre educação e música brasileira na escola pública como experiência constituinte de ressonâncias e reverberações de sentidos imbricados no som. Essa aproximação permite apontar que algo acontece entre pensamento e som no exercício de escuta poética de nossos corpos em conversação.

O ensaio tem *a música em estado de encontro* como disparador de conversações em criação, aproximando um grupo de acadêmicos, docentes e pesquisadores, com distintas experiências, para pensar a música brasileira na escola pública, desde a escuta poética, como composição da docência na

<sup>2</sup> Em Nancy (2007; 2008; 2013; 2014), as artes constituem os distintos nomes dados ao poético e seus relatos. O princípio heterogêneo da singularidade plural das artes é a sensualidade como sentir sentido e sentir senciante a partir da complexa relação que mantêm entre si os dois sentidos do sentido: sentido sensato ou inteligível e sentido sensível, na qual não há subordinação de um pelo outro.

<sup>3</sup> Realizado no período entre dezembro de 2020 e outubro de 2021, o III Seminário Estudos Poéticos marcou os 20 anos de investigação do grupo, organizado em encontros virtuais nomeados Webnários e Rodas Poéticas. Os 18 encontros estão disponíveis no Canal do Youtube Escuta Poética: [https://www.youtube.com/watch?v=sZqaGNAFxE&list=PLIW1yKMtlfjjeqf3e3JsJ90-8DRZckazXd&ab\\_channel=EscutaPo%C3%A9tica](https://www.youtube.com/watch?v=sZqaGNAFxE&list=PLIW1yKMtlfjjeqf3e3JsJ90-8DRZckazXd&ab_channel=EscutaPo%C3%A9tica)

escola. Composição essa que tatua modos de imaginar e de realizar ações no contexto institucionalizado da escola pública. Compromisso de toda comunidade acadêmica com docentes e alunos da Educação Básica, pois investe na potência transformadora da escola. E isso só acontece “se um ouvido abre a porta de casa” (MARTINS, 2021) e abraça coletivamente, desde a pedagogia, a disponibilidade de “estar à escuta” das feitura corporais que não separam fronteiras entre *música, poéticas*<sup>5</sup>, *educação e filosofia*, mas tocam a intransponível dimensão humana de compor *conversações*.

### CONVERSAÇÕES NA EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO VIRTUAL

O vivido durante a pandemia da Covid-19 provocou inúmeras interrogações que colocaram a ação de educar e o pensamento educacional no centro do debate público. Para nós, a imposição do distanciamento tensionou – e ainda tensiona – o debate em torno da potência poética de estar em linguagem como disponibilidade às interações lúdicas na esfera pública e na pluralidade do mundo. Nosso desafio foi enfrentar a impossibilidade temporária da presença mundana do corpo em ato de linguagem como condição da experiência estésica, como experiência de movimento que faz o corpo vibrar e estender-se ao tocar e ser tocado. Para tanto, assumimos, com Jean-Luc Nancy (2006, p. 108 grifos do autor), que antes de ser palavra, língua, voz e significação a linguagem cumpre o gesto de *ser-com* pela “extensão e a simultaneidade do ‘com’ como *maior potência* de um corpo, sua propriedade de *tocar* a outro corpo (de tocar-se), que nada mais é que sua definição de corpo”. A compreensão de gesto linguageiro “*ser-com*” permite afirmar que corpo não é instrumento de comunicação, mas vitalidade anunciada pelos corpos sendo *uns-com-outros* (NANCY, 2006), potência encarnada à escuta como abertura à ordem do sonoro – à presença no sentido de gesto produtor de sentidos sensíveis e sensatos com outros. Nos termos do filósofo, estar à escuta

é sempre estar na borda do sentido, ou em um sentido de borda, de extremidade, como se o som não fosse de fato, essa beira ou essa margem – ao menos o som musicalmente escutado, isto é, recolhido e escutado nele mesmo, porém, não como fenômeno acústico

<sup>4</sup> Frase retirada do poema inédito “A prosa do Mundo: Lugar de Poesia” do gaúcho Altair Martins publicada no Jornal Correio do Povo: Porto Alegre, Caderno de Sábado. 24.04.2021, p. 6. Inédito.

<sup>5</sup> Agamben (2018, p. 61) destaca o desconforto em relação ao uso – “infelizmente hoje muito difundido” – do termo criação em relação às práticas artísticas ao lembrar a distinção que teólogos medievais estabeleciam entre *create ex nihilo*, que define a criação divina, e *facere de materia*, que define o fazer humano. Porém, “a comparação entre o ato do arquiteto e o de Deus contém, já em germe, a transposição do paradigma da criação para a atividade [o fazer] do artista. Por isso, prefiro falar de ato poético e, mesmo continuando, por comodidade, a utilizar o termo ‘criação’, gostaria que ele fosse entendido sem nenhuma ênfase, no simples sentido de *poien*, ‘produzir’”.

(ou não somente) mas como sentido ressonante, sentido cujo *sensu* supõe-se encontrar na ressonância, e apenas nela se encontrar (NANCY, 2013, p.163, grifo do autor).

Nessa afirmação, escuta é gesto, movimento expressivo originário de tocar. É corpo, é ação, é produção, é movimento. A escuta não quer identificar, classificar e/ou reconhecer a tradição musical instituída, escutar demanda o encontro, o cuidado e a acolhida aos tempos e espaços do *estar com*. Demanda que exige viver ludicamente a experiência para narrar singularidades complexas e plurais constituídas no coletivo mundano. Escutar é mais umas das tantas inutilidades do cotidiano que temos pretendido perseguir, porque assinalam o caráter corpóreo da significação, cuja apreensão está na reciprocidade de comportamentos vividos na dimensão coletiva da comunidade. Lúdicos, sonoros, divertidos! Contornos expressivos de práticas que ressignificam a ação pedagógica na Educação Básica ao desconsiderar a cisão entre o sensível e o inteligível, o sonoro e o musical, o corpo e a razão, o afinado e o desafinado, o ensino com partitura e sem partitura. Nosso propósito é transcender as oposições binárias simplificadoras para afirmar a escuta poética como corpo que pode ressoar uma simultaneidade de sentidos no mundo. Escuta como som do sentido, essa disposição encantada que adultos e crianças carregam para habitar territórios do mundo, experiência viva que força pensar se concebemos, com Deleuze (1998, p. 117), que mais importante que o pensamento é aquilo que “dá a pensar”.

E o que a nós “dá a pensar”, no campo da pesquisa educacional, é o sentido do vivido, um enigma em nós a aprofundar e não um problema em busca de solução. Educar tem a ver com sentir e pensar o que “entre nós” acontece. Diz respeito à força do pensamento, que emerge de uma tensão ou um estranhamento que nos mobiliza a interagir e experimentar o desconhecido em nós, o não sentido ainda, algo não exclusivamente racional ou lógico, antes sensível à violência de uma impressão que nos arranca das possibilidades somente abstratas (DELEUZE, 1998). Assim, abordamos a ação de educar como convite à exposição ao mundo, como risco aberto, a qual não podemos controlar efeitos, pois nem sempre são passíveis de serem submetidos a indicadores de êxito, e muito menos serem previstas suas consequências. Dizem respeito ao fundo da experiência humana.

Habitar um tempo estendido em distintos territórios no coletivo virtual potencializou esse *sentido* que conferimos ao que somos e ao que nos acontece. Mesmo na virtualidade (perto, mas distantes), os exercícios de estudo preparatórios ao III Seminário Estudos Poéticos conjugaram nosso pensar no tempo da presença, da leveza, da entrega e da alegria, daquilo que decidimos que seria *tecido junto: a música brasileira na escola pública*. Longe da anestesia imposta pelo tempo da modernidade (ELIAS, 1989) com sua avalanche de informações e exigências de produtividade forçadas pela normatização do discurso de qualidade que ainda incorporamos na escola “o tempo do trabalho, o tempo de não perder tempo, o tempo

regulado pela mecânica do relógio que subdivide ritmos, com a precisão dos minutos e segundos” (BOTO, 2002, p. 25), o distanciamento pandêmico nos permitiu aproximação, alargamento e fortalecimento dos tempos de estudo.

Habitamos tempos marcados pela escuta poética, pela composição de narrativas vivificadas ludicamente na assiduidade e continuidade virtual do acontecer e tecer sentidos entre nós. Um tempo do uso da tecnologia como ferramenta e abertura a outras escutas que inventaram e produziram narrativas em conjunto pela disponibilidade à escuta do outro como caminho para viver a comunidade. Abrir os ouvidos de nossa casa para o gesto poético da escuta é enredar conversações em criação e experimentar, desde o ofício docente, disponibilidades imprevisíveis das feitura corporais da(s) música(s) na(s) escola(s). Isso exige entender que o gesto de linguagem só se realiza plenamente em conversação, porque é na e pela linguagem que somos “uns-com-os-outros” (NANCY, 2006). A conversação, como disponibilidade em oferecer uns aos outros distintos modos de escuta, nas palavras de Cage, envolve o ato de

[...] estar com (con), virar-se (versar) para – ou seja para fora do eu apenas. O verso da poesia e o verso da conversação estão relacionados apenas dessa forma, como um literal virar-se – na melhor das hipóteses, inesperadamente, em direção aos nossos muitos passados, presente, futuros, isto é, em direção a possibilidades, contingências, reconhecimentos, ininteligibilidades. (CAGE, 2015, p. 17).

Esse ato de “virar-se para além do eu” supõe compreender a impossibilidade de ser só um indivíduo como condição de exposição ao “nós”, de um “nós” que não é um “sujeito” coletivo, mas a dimensão comum de singularidades no e com o mundo. Assim, conversamos para nos educarmos quando a palavra se torna palavra viva, quando é exercida em presença, em convivência. E se há convivência, existe afeto, pois, como expressa Nancy (2007, p.51), estar juntos provoca o com-*tato*, ou melhor, a ação de tocar e ser tocado pelo mundo, movimento, produção e circulação de sentido do ser singular-plural (NANCY, 2006). Experiência estésica do se-*sentir*, na qual cada sentido se toca ao sentir, como modo ou registro sensível de expor e compartilhar um dos aspectos do “(se) tocar” (NANCY, 2007).

A conversação como percurso metodológico surge, portanto, pela intenção de nos aproximarmos de uma experiência sensível de pensamento, na qual assumimos o mundo como horizonte inatingível, sempre inacabado e inesgotável, por ser primordialmente da ordem do visível, do audível, do tangível. Nessa condição, a realização dos encontros virtuais como exercícios de estudos compreende que somente é possível nos educarmos através da conversação. Para a hermenêutica filosófica de Gadamer (2005), o ser que pode ser compreendido é linguagem. Estamos inevitavelmente vinculados ao mundo como linguagem, em linguagem entramos em conversação, adentramos no diálogo, na alteridade, na

formação, no jogo como artes. “A linguagem só se realiza plenamente na conversação” (GADAMER, 2000, p. 39).

Podemos compreender, com Ribeiro e Skliar (2020, p.18), a conversação como “um modo legítimo de investigação, de relação, porque implica uma forma especial de prestar atenção, de inquietar-se e indagar-se a partir da experiência, da vivência, das falas do outro”. Conversar para com-*viver*, essa “palavra-corpo que se desloca entre a incomodidade e a distensão, entre a procura e a desatenção, entre a respiração e a asfixia” (SKLIAR, 2011, p.30). Estar juntos na pandemia, mesmo virtualmente, querendo fazer respirar a escola pública e suas históricas exclusões para pensar a “educação como conversação e comunidade” (SKLIAR, 2019) é provocar movimentos transformadores nos docentes, um convite a perseguir outros modos de aprender e de ensinar (RIBEIRO; SAMPAIO, 2020; RIBEIRO et al, 2018).

Conversar é tocar e ser tocado, “tensão permanente entre diferentes modos de pensar e de pensar-se, de sentir e de sentir-se: há dissonâncias, desentendimentos, incompreensões, afonias, impossibilidades, perdas de argumentos, tempos desiguais, perguntas de um lado apenas, respostas que não chegam” (SKLIAR, 2011, p.28-29). Na singularidade do acontecimento da conversa, há uma formação vincular da comunidade em relação, onde só podemos reconhecer o outro como outro na diferença. É na e pela conversa que a pluralidade e a diferença interrompem o uno e o mesmo ao (re)significarem processos de vibração intersubjetiva, que expõem a alteridade de vozes orquestradas por ações nas quais os interlocutores ensaiam a fala, o corpo e o pensamento. Seja na afinidade, seja no conflito, não há conversação sem pluralidade de gestos, formas de olhar, de escutar e de mover o corpo todo. E não há conversação sem uma diversidade de formas de pensar e de nos relacionarmos, pelo pensamento, com o mundo.

A diversidade que habita o exercício de escuta como experiência docente em educação musical pode promover a (com)posição da docência (CARDOSO, 2023) ao expor e compartilhar percursos narrativos com música (s) na(s) escola(s) e suas múltiplas singularidades nas formas de existência no mundo. “Farelinhos que se desprendem da estrutura de poder” (FARELO, 2021, p.5) como resistência em linguagem, como luta por outras palavras em educação. Uma resistência aos regimes de verdade ou de certezas, uma luta contra as imposições de modelos que pretendem normatizar, padronizar ou conformar nossa linguagem, nossa língua. Nesse movimento, nossa música emerge como provocação a tomarmos a palavra.

## **FALAR: AS PALAVRAS TERRITÓRIO**

Diante da tela do computador, simultaneamente distanciados e reunidos, encontramos-nos para um momento formativo no III Seminário Estudos Poéticos. Um convite à estesia e à escuta. Para além do ouvir



que se estende à orelha, nos mobilizamos na escuta pela preocupação, pela curiosidade, pela inquietude frente a uma tela. Situação na qual estávamos separados fisicamente pela imposição do momento pandêmico, mas em conexão pelo que valoramos como experiência de convivência no e com o mundo. Na imprevisibilidade como condição da formação, alcançamos a linguagem através do outro, nos reunimos pela presença plural que abriga nossas aproximações e nossas diferenças, que nos singularizam pelas nossas palavras e intencionalidades de estudo.

Pelas redes da internet, recheadas de códigos e sistemas, acessamos a Roda Poética virtual. Na planificação da tela, nesses “retângulos de ouro”, corpos são expostos em imagem digitalizada e reunidos pela ação de imaginar que emerge ao estreitar laços afetivos entre nós e o mundo desde um corpo que escuta, do outro lado da tela, “em ressonância – ao eco das coisas em nós [...] gesto de abertura ou acesso ao sentido que ressoa” (RICHTER; LINO, 2019, p.14).

Na tela do computador, a fala do povo ameríndio nos toca pela escuta da palavra pronunciada pelo cacique Woia da etnia Xokleng. A temática em discussão, a inclusão do Ensino da Cultura Indígena na Educação Básica, provocou sentido pelos sentidos, pela força da sua voz quando pronuncia o sentido da música para o seu povo.

A música é como o fogo... Ela é uma chama que chama todos os sentidos, todos os sons pra si mesmo... para que todos ouvimos e saibamos desfrutar desse som maravilhoso que cada instrumento traz...O fogo pra nós é sagrado. Ela traz um círculo onde todos olham para o fogo para se concentrar, para trazer a energia pra si e espalhar para quem está próximo...é assim, é a música. Ela traz o som de quem está tocando e quem está ouvindo... veja o violão, qualquer instrumento que está tocando...traz pra si, mas o som leva de volta para quem está ouvindo. É uma música, é um fogo, é um símbolo muito sagrado para o povo indígena. (Cacique Woia Xokleng, 2021).

A palavra “música” para o Cacique Woia, imerso nos modos de *estar sendo* dos povos ameríndios, não se resume à substantivação ou à descrição denotativa de um objeto de forma literalizada. Antes, em sua cosmologia, a palavra é compreendida de forma espiritual, como fundamento da existência, como enraizamento à vida e à comunidade. A palavra emerge como experiência, como ação reveladora e constituidora de um modo de estar e de ser, não um veículo de transmissão ou expressão de nomeação de uma anterioridade, mas sim uma força que profere uma existência e tem a capacidade de gerar vida (MENEZES, 2021, p.50). Cabe destacar que a “essência” de algo como “ameríndio” é tão discutível como a existência da América Latina como processo histórico e social único e homogêneo. Implica enfrentar debates complexos, profundos e com longa tradição e, aqui, a intenção é destacar a existência do termo “ameríndio” em contraposição ao europeu e ao norte-americano, ou seja, ao “ocidental” (RICHTER, 2019).

Para os povos originários, a palavra é entendida como alimento, como conexão com o cosmos e como condição de enraizamento com a terra, de onde flui a palavra. A palavra compõe-se como presença, como um estar sendo (MENEZES, 2021) que não necessita de explicação, de categorização, pois é vivida em seus territórios, em seu habitat, o *tekoá*. Este território conjuga a espiritualidade e a política, “um espaço simbólico entre os sujeitos que, ao valorarem sua existência, são capazes de produzir imagens e realidades, transformando-se e criando uma realidade vivida e compartilhada no coletivo” (MENEZES, 2021, p.172). Um modo próprio de estar e de existir em conexão com a mundanidade da vida, na qual a palavra é vivida primeiramente pela escuta e depois pela fala. Uma visão e atitude que, pela palavra, inverte a lógica antropocêntrica própria do pensamento ocidental – de uma palavra “produto” para uma palavra “processo”, pois parte da escuta do outro para dizer a sua palavra no coletivo. Atitude espiritualmente sensível, de um pensamento simbólico e seminal, que pensa a partir da escuta e do germinar do som no coração. Coração que não é o da modernidade europeia, uma bomba física ou um reservatório de sentimentos, mas um anterior, integrado à experiência sensível do corpo, cuja função é estésica por apreender imagens e ser o lugar da imaginação (HILLMAN, 1993).

No encontro com duas aldeias guaranis, fomos sendo interpeladas a “superar o contato colonizador, reaprender a cantar, dizer, fazer o silêncio falar para produzir autonomia e não a reprodução de silenciamento” (FERREIRA; SOUZA; LABREA, 2017, p. 11). Essa convivência, e os materiais produzidos pelo território indígena da cidade de São Leopoldo (KAYAPÓ, SCHWINGEL, 2021), nos fez escutar a voz da aldeia *Por Fi Gã* e do Grupo musical *Nóg Gã*, formado por indígenas de diversas aldeias Kaingang da região de São Leopoldo<sup>6</sup>.

Tal experiência nos tornou disponíveis à compreensão de distintas narrativas musicais entre as etnias dos povos originários que viviam próximos de nossa casa. Com eles entendemos que a *Opy* (sua casa de reza) é espaço sagrado de vivências, local onde dançam, cantam, rezam, entram em contato com o *pethenguá* (cachimbo), com *nhanderú* (Deus), com as maracás (coração) onde aprendem a ser mais, a realizar o melhor de si mesmos, no contato com o fogo, a fumaça, o som, a música, a escuridão, a terra, as pessoas, Deus (MENEZES, 2021). Nos aproximamos da abordagem geocultural de Rodolfo Kusch (2012) como fonte de um pensamento que mescla a cotidianidade com o misterioso e o transcendente, aquele que reúne em dimensão afetiva o alimento e o humano, a matéria e o espírito, a criança e o adulto, o que caracteriza a vida indígena como movimento vital de acontecimentos em uma comunidade enraizada na

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.sesc-rs.com.br/wp-content/uploads/2017/06/revista\\_arte\\_educacao\\_FINAL.pdf](https://www.sesc-rs.com.br/wp-content/uploads/2017/06/revista_arte_educacao_FINAL.pdf). Acesso em 20 maio 2023.

ação de “estar sendo”. Uma ação que inventa uma escola resistente às forças colonizadoras hegemônicas ao valorizar a vida que não se impõe, antes se expõe à existência como corpo e espírito integrados pela dimensão temporal ao assumir que o passado, a ancestralidade, atravessa o presente e lhe dá sentido.

Assim, pela escuta, estamos imbricados neste “gesto de generosidade para com a palavra e a música do outro” (KOHAN, 2018, p.200), como princípio educativo que busca enxergar ao outro pela sua voz, distanciando-se de um modelo egocêntrico, saindo de si para “receber e deixar-se banhar pela palavra alheia, as ressonâncias de sua experiência e vivência” (SKLIAR, RIBEIRO, 2020, p.18). Paradoxalmente, pela imposição da pandemia, foi possível vivenciar a suspensão das atividades ditas “produtivas” (na concepção mercadológica) e passar a habitar o tempo lento dos estudos. Mergulhados nas incertezas e contradições do momento pandêmico, vivemos o exercício formativo de ampliação de nossos repertórios como professoras e pesquisadoras em busca de outras palavras que dissessem da educação.

## **PALAVRAS SÃO FLECHAS**

Sim. Palavras são flechas. Na afirmação de Simas e Rufino (2019, p.5), “flechas no tempo”. Afinal, nos dizem eles, “o contrário da vida não é a morte, mas o desencanto”.

Driblar o complexo político e epistemológico dos “cruzos transatlânticos”, limitados à razão cultivada pela normatividade ocidental, exige tapar os ouvidos e fechar o corpo para o “carrego colonial” disciplinador, normativo e domesticador da música na sociedade (SIMAS, RUFINO, 2018, p.11). Desterritorialização ética e estética de uma escuta que abraça a sabedoria encantada dos “kumba”, esses poetas feiticeiros das palavras (ibidem, p.5) porque tocam a existência do sagrado, ou melhor, as noções vigentes de ancestralidade e de encantamento (SIMAS, 2021). Reposicionamento de perspectivas ainda pouco creditáveis de povos subalternos que em coletivo se conectaram à força cíclica do universo, desenhando gestos que encantam saberes e reinventam sentidos no mundo para ritualmente, em convivência SER o som juntos, compondo modos de enfrentar, resistir e celebrar a vida numa miríade de dimensões. Para o músico e filósofo Tiganá Santana Santos (2021) implica “capoeirar o pensamento”.

Invenção singular que pela escuta se faz corpo para tocar a palavra dos espíritos: o sagrado. A “capoeiragem do pensamento”, proposta por Santos (2021, p.85), sublinha a relevância do território do jogo como dimensão expressiva de um certo modo de se colocar no mundo e estar ante a verticalidade de si. Ao brincar a capoeira estamos juntos em escuta. Temos um adversário, que ao contrário do mundo capitalista, não quer o poder da vitória que aniquila o parceiro, mas carrega o desafio de convidar o corpo a gingar com a roda, coreografando passos que escutam as palavras dos espíritos. A capoeira coloca o corpo em estado de encontro com o território sagrado do outro. Território que toma “o corpo

no ar do mundo de forma simultânea à irrupção de um mundo a partir do corpo – a partir, portanto da encarnação da mobilidade do que vive” (SANTOS, 2021, p.85). Momento em que a imaginação se nutre do território sistêmico de relações tecidas em *conjunto* nas *Mu Kanda* (dentro das comunidades) indígenas e/ou africanas como possibilidade encantada de penetração na cultura. Nessa experiência multidimensional observamos que “não há criação fora de conjunturas coletivas” (SANTOS, 2019, p.9). Tempo e espaço fundante do acontecimento da música brasileira como coreografia ainda não plasmada e gesto imprevisível de vadiagem. (SANTOS, 2022).

Ao “capoeirar o pensamento” (SANTOS, 2020), a escuta emerge como essa palavra-corpo que entra na roda ou a observa, mas que também pensa a ferida no sentido de cuidar dela. Exercício da narrativa artesanal singular e plural de estar juntos, em contágio, tendo o golpe como recuo de um corpo, “em vigília constante pela necessidade dos outros” (SKLIAR, 2020, p.91). Isso porque,

Não há lado quando o pensamento é de roda (...) a ginga vai mediando o que vem e as ressonâncias do que acabou de ser. (...) A roda desmantela os inícios e os fins. (...) É luta sem vencedor e dança sem solista; ao mesmo tempo é o que só pode acontecer diante da expressão singular (...). (...) duas pessoas travam um código aguerrido e filosófico de coexistência. A roda indica que, dentro daquele espaço delimitado por uma comunidade (não fixa) é o entendimento que se limita, não as ocorrências.(...) Gingar é desfazer a ideia de contrario e jamais pensar-se maior que a própria translação; é ser menor que a roda, mais que a roda e como a roda(...) A capoeira do pensamento é reivindicação primordial da vadiagem. (SANTOS, 2021, p.89-90)

No movimento circular da roda, a escuta irrompe no corpo em convivência. Brincamos a capoeira para escutar, para estar em pensamento. A escuta é uma técnica que toma corpo em coletivo e sublinha o dito de nosso ‘bruxo dos sons’ Hermeto Pascoal (2006): “a música é universal” e “tudo é coisa musical”. Nos interessamos pela música brasileira porque é criada em convivência: no chão dos terreiros, no pátio das igrejas, nas festinhas de aniversário, nas cirandas entoadas. Essa música que, sendo “uma colcha de recados” (WISNIK, 2004), reverencia a matriz indígena e a matriz africana de nosso povo. Matrizes violentadas e retiradas de suas terras pela terceira matriz formadora da música brasileira, a europeia, que no tempo de convivência sagrada e circular da festa, incorpora sua conexão com o sagrado.

Para Nóbrega (2020), uma celebração que conjugou com música a confraternização de duas ordens de cultura distintas. Por um lado, a música dominante dos europeus, presente na igreja e na aristocracia. De outro lado, a música das fusões e sincretismos dos estoques culturais de grupos indígenas domesticados, de grupos africanos escravizados e de grupos europeus subalternizados. Não se trata de substituir um modo educacional de pensar e conhecer por outro, pois não supõe negar a historicidade de um e de outro

modo existencial de estar em linguagem, mas acolher tanto as diferenças nos modos de ser e narrar quanto a coexistência de diferentes modos de conceber a ação educativa.

Compreender que a resistência ao colonizador se fez com música é tarefa urgente e necessária da educação básica, pois território “vivo do imaginário índio-luso-africano que se funde e se acasala a céu aberto: no chão batido das praças, no pátio das igrejas, nas cerimônias de cura dos batuques, nos cortejos, na coroação dos reis negros, etc” (NÓBREGA, 2021). Encontro que tem sofrido constantes opressões e epistemicídios dentro da escola e da universidade (QUEIROZ, 2021), mas que se atualiza na potência criadora incansável de se deixar envolver na dimensão operativa da linguagem para afirmar “meu mestre é meu corpo, que me ensina a cair e a levantar” (SANTOS, 2021, p.90).

Neste universo, na educação partimos do conceito de que todos, como ouvintes, como executantes, somos músicos (CALVO, 2021). A(s) música(s) na escola(s) não diz respeito a uma subjetividade, mas à objetividade de colocar-se em linguagem, de expor e compartilhar encontros do corpo no mundo. A potência da escuta é tramada na convivência da música que consegue “ressoar”, no sentido proposto por Nancy (2007; 2013) do som do sentido em nós, a unidade desse encontro pela força em densificar modos de pensar e agir no mundo. Por isso, tocar a música brasileira na escola não é discurso, ela é percurso. Exige uma poética e uma ética dos tempos lentos, do corpo no mundo, da presença encarnada das palavras, do poder das narrativas que permitam coexistir no mundo comum, brincando em tempos e espaços institucionalizados para “capoeirar o pensamento”. Compreendemos que a experiência brincante de viver as inutilidades imprevisíveis de brincar com sons, de encantar-se com a vadiagem, pode movimentar a música em estado de encontro na escola pública, porque é a atividade que une fronteiras ao iniciar o gesto poético que se contrapõe a conceitos colonizadores e disciplinadores da tradição política, epistemológica e ética em educação.

Em tempos de recrudescimento de fascismos, ódios às diferenças e tentativas de silenciamento e subalternização de grupos, nos colocarmos em estado poético de escuta é solicitar políticas que permitam “dar forma e visibilidade à possibilidade do *'viver junto'*” (NANCY, 2015, p.173). O filósofo alerta que tal viver não é uma determinação particular do viver, mas determinação constitutiva, pois se trata do *com-junto*, “uma vez que se trata tanto de vivente humanos, quanto de viventes abelhas ou de viventes flores” (NANCY, 2015, p.173). A política surge justamente onde não se pode mais *'ser-junto'*, lá onde o território, a tribo, o clã, o totem, as autoridades sagradas, divinas deixam de se coagular numa massa de sentido. É preciso entender que “o divino não representava nada mais do que o caráter dado ao *'viver-junto'*. A política nasce no retraimento-retirada do divino, quer dizer, do dado do nosso *'ser-com'*, não somente, aliás *'uns-com-os-outros'*, mas igualmente *'com-o'* resto-do-mundo” (NANCY, 2015, p.174, grifos do

autor). O interesse dos grupos de pesquisa não foi pontuar estudos sobre música indígena ou música africana, mas escutar a música brasileira. E foi nessa e por essa escuta que surgiu o divino entoado nas conversações.

### **ESCUA POÉTICA: RESSOAR A VIDA EM TEMPOS DE DESENCANTO**

O movimento de escuta poética possibilitou aos grupos de pesquisa a experimentação de um tempo imprevisível e mais flexível de *estar junto* on line que, além de expor “as fragilidades de nossas democracias e de seus (im)previsíveis direitos prometidos (SKLIAR, 2019, p.14), também aproximou nosso coletivo em diferentes e intermináveis conversações num “tempo aiônico”, tempo da intensidade da ação lúdica, aquela que tem fim em si mesma.

A intensidade de nossa convivência fez vibrar em coletivo o enfrentamento à vida que se impôs com o advento da pandemia. Mantivemos a sistematização de três encontros semanais de duas horas de duração, nos quais fomos esculpindo no coletivo modos de estar à escuta do “imaginário encoberto” (NÓBREGA, 2020) da música brasileira. Inicialmente fomos compondo jeitos de entrar em conversação. Potência interrogativa que se dá na interlocução de espaços colaborativos onde a ação de improvisar e compor possam ser experimentados, onde a interlocução sonora encarna a palavra, fazendo emergir sentidos contemporâneos do viver na pandemia, compondo metáforas que imaginamos para sonhar uma educação para todos. Rapidamente a memória feita corpo interpela o grupo, exigindo que um estado de atenção à escuta dos outros se imponha em um exercício de errância constante, desafio, enfrentamento e resistência.

A intensidade da duração evidenciada nesses tempos de conversações impôs uma “nova” rotina em nosso coletivo. Nos avizinhamos, nos fizemos escuta, nos vinculamos pela vida comum, pela responsabilidade diante do mundo em relação ao cuidado com a vida, criando e fabricando “paraquedas coloridos” (KRENAK, 2019, p.30) em nosso ofício docente para sublinhar o sentido da vida em sociedade. Imersos na rede de afetos que produzimos, nos tempos e espaços cotidianos que compartilhamos, nos espaços de formação que participamos e/ou inventamos, fomos a cada encontro produzindo narrativas para nos fazer presença na escola pública com música brasileira.

Em rede, fomos entendendo que o exercício de disponibilidade à escuta do outro é experiência que não se relaciona apenas à apropriação interpretativa de uma musicologia “colonizada” que tem definido o patrimônio histórico e culturalmente reconhecido na disciplina de Música (QUEIROZ, 2021). Mas toca “a dimensão da liberdade e da experimentação, da originalidade e da criação” (SANTOS; KATER, 2017, p.155). Experiência que não nasce pronta, mas pode ser tatuada nas feições corporais de coletivos que

se arriscam “estar à escuta”. Assim, acadêmicos, docentes e pesquisadores também se tornam, se (re) escrevem, se borram, se distraem, se fixam, se calam, se encantam, e, a formação inicial e continuada em educação musical na rede pode ser o grande palco de imprevisíveis alquimias e criações.

Pela presença da música compartilhada em distintos suportes digitais que prontamente se fez ressoar no momento pandêmico, por diferentes pessoas e modos de expressão, fomos compreendendo que a música tem a possibilidade de trazer continuamente o passado ao presente, desfazendo a fluidez contínua do domínio temporal. Essa experiência de tempo é um lugar de retorno, de repetição, de novidade, de diversidade confirmada através das relações harmônicas. Afinal, sempre que movimentarmos um corpo elástico ouviremos *o poder encantatório* dessa ambiguidade, transitória e permanente (WISNIK, 1990). A série harmônica nada mais é que outros sons vibrando juntos com o som principal, um contínuo de retornos à nota inicial, sempre incorporando novos intervalos sonoros.

Se a pandemia nos mostrou, de modo brutal, quanto a vida nesta terra se tornou irrespirável e *absurda*, também mostrou a urgência em entender que o centro da terra não é o humano, mas nosso *território*. A nós mostrou que integrar todos os mundos – animal, vegetal, mineral, humano – num solo singular e plural é tarefa também da escola. Ao destacar que *somos música em estado de encontro*, o grupo sublinha a potência comunal da música brasileira na escola para compor a vida.

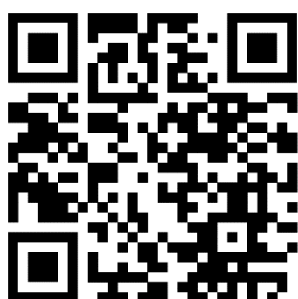
Talvez, pela singularidade sonora na pluralidade de territórios, possamos tecer a resistência que aposta em um pensamento educacional sustentado por nossa história de interações entre as expressões culturais indígenas, europeias e africanas. Encontro que historicamente herdamos de uma formação cultural que tonaliza distintos territórios e configura a diversidade brasileira não apenas como nosso patrimônio cultural, mas também como encontro dinamizador, ou seja, transformador de saberes e fazeres cotidianos que revelam possibilidades de interlocuções entre valores, crenças, hábitos e inovações que sustentam um sentimento de comunidade, uma inteligibilidade nas astúcias das práticas cotidianas, uma disponibilidade ao que pode ser sentido e pensado de outro modo.

Nesse processo de entrecruzamento de percepções e sensibilidades, distintos territórios e linguagens emergem com força vital ao favorecerem possibilidades de se admirar e se maravilhar com experiências estéticas e poéticas. Experiências que integram sentidos sensíveis e sensatos para emergirem da linguagem de todos os dias em um rearranjo transformante que nos faz escapar dos hábitos cotidianos em que todos se parecem com todos.

Ao final da palavra escrita do presente ensaio, o que ressoa são as produções de escuta poética dos grupos em conversação. Compartilhamos duas escutas poética para destacar a singularidade plural e a pluralidade singular de cada uma. A primeira é **Rasante**, composição de Matheus Camilio Viana,

acadêmico do curso de música desde a singularidade de sua escuta. Um solo pianístico em subdivisão não convencional (7) para tocar o sentido de liberdade da lenda João de Barro dos Mbyá Guarani, a qual foi abordada no espetáculo Jaebé: tocar a liberdade, criado pelo grupo Piá durante a pandemia. A segunda é **Pandemia bate à porta**, récita criada por Andréia Dias de Alencar, acadêmica do curso de Pedagogia, a partir da vocalização de suas colegas da escola pública gaúcha.

#### ESCUTE POÉTICAS!



Rasante



Pandemia bate à porta

#### REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 61.

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o século das luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar; KUHLMANN JR., Moysés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

CAGE, John. **De segunda a um ano**: novas conferências e escritos de John Cage. Tradução de Rogério Duprat e Augusto de Campos. São Paulo: Hucitec, 1985.

CALVO, Julio Ernesto. **Vibra: Estaciones Sonoras**. Encarte digital da exposição de Arte Sonora. Buenos Aires: Usina, Jan, 2021.

CARDOSO, Bianca de Oliveira. **(Com)Posição das docências: Liberdade como fenômeno político na educação infantil**. Orientadora: Profa. Dra. Sandra Regina Simonis Richter. 2023. 87 f. Dissertação



(Mestrado em Educação), Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/3565/1/Bianca%20de%20Oliveira%20Cardoso.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Proust et les signes**. Paris: Quadrige, PUF, 1998.

ELIAS, N. **Sobre el tiempo**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1989.

FARELO, José. Entrevista. **Jornal Correio do Povo**, Segunda Caderno. 24 de abril de 2021. p. 4-5.

FERREIRA, Aline; SOUZA, Greice; LABREA, Valéria. A mística na educação do campo e sua interlocução com a ecologia dos saberes: apontamentos de percurso. **Anais do III Seminário Internacional de Educação do Campo e III Fórum de Educação do Campo da Região Norte do Rio Grande do Sul: Resistência e Emancipação Social e Humana**. UFFS, Erechim 29 a 31 de março, 2017. Disponível em: <https://iisifedocerexim20.wixsite.com/iisifedoc>. Acesso em 3 jul. 2021.

GADAMER, Hans-Georg. **La educación es educar-se**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2005.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

KAYAPÓ, Edson; SCHWINGEL, Kassiane (Org.). Universidade: território indígena! Material da Semana dos Povos Indígenas, 2021. Disponível em: <https://comin.org.br/publicacao/semana-dos-povos-indigenas-2021/>. Acesso em 20 de maio de 2023.

KOHAN, Walter. A música da amizade: notas entre filosofia e educação. Santa Maria: **Revista educação**, v. 43, n. 2, p. 195-206, Abr/jun 2018.

KOHAN, W. O. .; FERNANDES, R. A. . Tempos da infância: entre um poeta, um filósofo, um educador. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 46, p. 1-16, 2020. DOI: 10.1590/S1678-4634202046236273. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/186915>. Acesso em: 20 mai. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUSCH, Rodolfo. **Geocultura del hombre americano**. Rosario, Argentina: Fundación A. Ross, 2012.

MARTINS, Altari. **A prosa do Mundo**: Lugar de Poesia. *Jornal Correio do Povo*: Porto Alegre, Caderno de Sábado, 24 abril de 2021. p. 6. Inédito.

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de, BERGAMASCHI, Maria Aparecida de, SOUZA, Fátima Rosane (Orgs.) **Aprendizagens interculturais na educação e na psicologia**. Porto Alegre: CirKula, 2021.

NANCY, Jean-Luc. **Ser singular plural**. Madrid: Arena Libros, 2006.

NANCY, Jean-Luc. **A la escucha**. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

NANCY, Jean-Luc. **Las Musas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2008.

NANCY, Jean-Luc. **Embriaguez**. Lanús: Ediciones La Cebra, 2014.

NANCY, Jean-Luc. *À escuta (parte I). outra travessia*, Florianópolis, n. 15, p. 159-172, out. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2013n15p159/25525>. Acesso em: 03 jan. 2018.

NANCY, Jean-Luc. Política e/ou Política. **ALEA: Estudos Neolatinos**. Rio de Janeiro, vol.17/1, jan-jun 2015 p.166-178. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/P7vfCb8tPjtFnmC4bC7DcXN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 20 mar. 2020

NÓBREGA, Antônio. **Brincante em Casa**: palestra com Antônio Nóbrega. Vídeo youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lz2ZqA9qvGI>. Acesso em 2 jul. 2021

PASCOAL, Hermeto. **Calendário do som**. São Paulo: SENAC-Itaú Central, 2000.

QUEIROZ, Luís Ricardo. Convergências, práxis e interações decoloniais em etnomusicologia e educação musical. Palestra realizada no dia 10 de março de 2021 dentro do ciclo de debates "*Diálogos entre Etnomusicologia e Educação Musical*" promovido pelas professoras Helena Lopes (PPGMUS-UFMG) e Lúcia Campos (PPGARTES-UEMG). Disponível em: <https://www.luisricardoqueiroz.com/>. Acesso em 3 jul. 2021.

RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen. Conversa, partilha e formação docente: o fórum de alfabetização, leitura e escrita. **Revista FAEBA. Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 57, p. 203-218, jan./mar.,2020.

RIBEIRO, Tiago, SKLIAR, Carlos. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil.

**Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 25, n. 55, p. 13-30, set./dez. 2020.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; GUEDES, Adrienne. Infância, alteridade e formação docente: encontro com as crianças como potência de transformação. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 30, maio-ago. 2018, pp. 261-276.

RICHTER, S. R. S. GEARTE: uma experiência de transformação. **Revista GEARTE**, v. 6, 2019.

RICHTER, Sandra; LINO, Dulcimarta. Estar à escuta: música e docência na educação infantil. **Childhood & Philosophy**. Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-24, out. 2019.

SANTOS, Regina Márcia; KATER, Carlos. O projeto A Música da Gente: entrevista com Carlos Kater.

**Revista da FAEEDA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.26, n.48, 2017. p.151-166. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/7581/4919>. Acesso em 3 jul. 2021.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. Santos. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau**: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Estudos da Tradução. São Paulo, 2019. 233f.

SANTOS, Tigana Santana. Entrevista de Joce Rodrigues com Tiganá Santana. **Revista Continente**. Ed 229, jan. 2020. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/229/tigana-santana>. Acesso 3 abril 2023.

SANTOS, Tiganá Santana. Conversa com Tiganá Santana. **Festival Rasuras Transversais**, Unimúsica 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5bpbRS598Q0&ab\\_channel=UFRGSTV](https://www.youtube.com/watch?v=5bpbRS598Q0&ab_channel=UFRGSTV). Acesso em abr. 2023.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. Capoeira o Pensamento. In: OLIVEIRA, Antonio Leal de; RIBEIRO, Marcia; DEL REY, Laura. **CAJUBI: ruptura e reencanto**. Festival Cajubi: ruptura e reencanto. Edição on line, 23 a 25 fevereiro, 2021. Ebook:PDF:130; II.

SIMAS, Luiz Antônio. **Maracanã: quando a cidade era terreiro**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SKLIAR, Carlos. Conversar e conviver com os desconhecidos. In: FONTOURA; Helena Amaral. **Políticas Públicas, Movimentos Sociais: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões.** Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. p.27-37.

SKLIAR, Carlos. **A escuta da diferença.** Porto Alegre: Mediação, 2019.

SKLIAR, Carlos. **Mientras respiramos** (en la incertidumbre). Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didactico, 2020.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido.** São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1990.

WISNIK, José Miguel. **Sem receita: ensaios e canções.** São Paulo: Publifolha, 2004.